

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA
(ORGANIZADOR)

ARQUITETURA
E URBANISMO:
CONSTRUÇÃO E MODELAGEM
DO AMBIENTE

 **Atena**
Editora
Ano 2023

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA
(ORGANIZADOR)

ARQUITETURA
E URBANISMO:
CONSTRUÇÃO E MODELAGEM
DO AMBIENTE

 Atena
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof^ª Dr^ª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof^ª Dr^ª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProf^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 aProf^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Arquitetura e urbanismo: construção e modelagem do ambiente

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Pedro Henrique Máximo Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
A772	<p>Arquitetura e urbanismo: construção e modelagem do ambiente / Organizador Pedro Henrique Máximo Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0930-4 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.304232001</p> <p>1. Arquitetura. 2. Urbanismo. I. Pereira, Pedro Henrique Máximo (Organizador). II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 720</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Este livro da Atena Editora, intitulado **“Arquitetura e Urbanismo: construção e modelagem do ambiente”** apresenta a leitoras e leitores um conjunto de quatro capítulos. Há uma profunda relação temática entre eles: o espaço público e a esfera pública. Embora apresentem casos distintos e reflexões teóricas de fontes diferentes, há consonâncias consideráveis: há preocupações com os aspectos construtivo-materiais, bem como suas apropriações e usos. Uma síntese sobre eles, portanto, se faz necessária para melhor compreensão.

O primeiro capítulo, de Júlia Solér Marconi, **“A cidade delas”**, aborda as relações da mulher com a cidade. A ênfase está centrada no processo de construção de sua participação na esfera pública por parte dos movimentos feministas e sua interface com o espaço urbano. Com base nesta reflexão, a autora aponta a necessidade da representação das mulheres na organização social e participação popular, bem como defende uma abordagem de gênero na constituição do urbanismo enquanto campo, disciplina e profissão.





O segundo capítulo, de Jasmine Andrade Sanz, **“A morfologia da Praça São Salvador em Campos dos Goytacazes (RJ): os aspectos visíveis e invisíveis de sua transformação histórica”**, reconstitui os aspectos morfológicos da Praça São Salvador. A estratégia adotada pela autora se encontra na noção de “camadas temporais” que foram identificadas por meio de registros históricos, como fotografias, documentos e acervo bibliográfico.

O terceiro capítulo, de Maria Isabel Imbroni, tem por título **“Espaço Público: indicadores de qualidade na Praça da Liberdade e Rua Galvão Bueno, São Paulo”**. Trata-se de uma pesquisa aplicada sobre a qualidade do espaço urbano no qual, a partir dos recortes espaciais estabelecidos, investigou-se os parâmetros desenvolvidos por Ewing e Bartholomew para aferi-la. A autora, assim, faz uma reflexão crítica sobre o espaço analisado e sobre este procedimento analítico.

O quarto capítulo, por fim, dos autores Adilson João Tomé Manuel e Luis Octavio de Faria e Silva, busca aprofundar a compreensão de dois bairros precários evidenciados no título: **“Itaim Paulista em São Paulo e Cazenga em Luanda, uma Observação Comparada”**. O trabalho procura evidenciar e destacar características nestes bairros que apresentem pistas sobre suas estruturas comunitárias, bem como sua relação com o território.

Dignos de nota, estes textos atualizam reflexões, debates, métodos e conceitos de autores de referência consagrados.

Assim, estimo, a leitoras e leitores, uma excelente experiência!

CAPÍTULO 1	1
A CIDADE DELAS	
Júlia Solér Marconi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3042320011	
CAPÍTULO 2	15
AMORFOLOGIA DA PRAÇA SÃO SALVADOR EM CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ): OS ASPECTOS VISÍVEIS E INVISÍVEIS DE SUA TRANSFORMAÇÃO HISTÓRICA	
Jasmine Andrade Sanz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3042320012	
CAPÍTULO 3	35
ESPAÇO PÚBLICO: INDICADORES DE QUALIDADE NA PRAÇA DA LIBERDADE E RUA GALVÃO BUENO, SÃO PAULO	
Maria Isabel Imbronito	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3042320013	
CAPÍTULO 4	50
ITAIM PAULISTA EM SÃO PAULO E CAZENGA EM LUANDA, UMA OBSERVAÇÃO COMPARADA	
Adilson João Tomé Manuel	
Luis Octavio de Faria e Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3042320014	
SOBRE O ORGANIZADOR	67
ÍNDICE REMISSIVO	68

CAPÍTULO 2

A MORFOLOGIA DA PRAÇA SÃO SALVADOR EM CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ): OS ASPECTOS VISÍVEIS E INVISÍVEIS DE SUA TRANSFORMAÇÃO HISTÓRICA

Data de submissão: 07/11/2022

Data de aceite: 02/01/2023

Jasmine Andrade Sanz

Instituto Federal Fluminense (IFF)
Campos dos Goytacazes – RJ
<http://lattes.cnpq.br/3341371139399439>

RESUMO: Este artigo foi apresentado no 16º Seminário de História da Cidade e do Urbanismo (SCHU), que ocorreu no ano de 2021, compondo o eixo temático: cidades, memórias e arquivos. A pesquisa que originou o presente estudo foi desenvolvida durante a realização da minha dissertação de mestrado e integra o primeiro capítulo desse trabalho, no qual investigo as diversas camadas temporais que compõem a Praça São Salvador, na cidade de Campos dos Goytacazes (RJ). A relevância deste estudo recai na compreensão de que o ambiente dessa praça pode ser analisado à luz de um processo que extrapola os seus limites físicos. Reconstituímos a morfologia da praça por meio de imagens, documentos e pesquisa bibliográfica e verificamos que a sua configuração está intimamente conectada à história da cidade, aos seus processos sociais e culturais. Mais que mera paisagem estática e inerte, a Praça São Salvador é um organismo em constante

transformação, um espaço social que representa a cidade em que se situa e dá forma às qualidades invisíveis do processo de sua construção, mostrando-nos por meio de suas materialidades os significados e as expressões típicas de cada período vivenciado em seu ambiente urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Praça São Salvador; Campos dos Goytacazes; morfologia urbana.

THE MORPHOLOGY OF THE SÃO SALVADOR SQUARE IN CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ): THE VISIBLE AND INVISIBLE ASPECTS OF ITS HISTORICAL TRANSFORMATION

ABSTRACT: This paper was presented at the 16º Seminário de História da Cidade e do Urbanismo (SHCU), which took place in the year 2021, composing the thematic axis: cities, memories and archives. The research that originated this article was developed during the course of my master's dissertation and is part of the first chapter of this work, in which I investigate the different temporal layers that make up Praça São Salvador, in the city of Campos dos Goytacazes (RJ). The relevance of this

study lies in the understanding that the environment of this square can be analyzed in the light of a process that goes beyond its physical limits. We reconstituted the square's morphology through images, documents and bibliographic research and we verified that its configuration is closely connected to the city's history, to its social and cultural processes. More than a mere static and inert landscape, Praça São Salvador is an organism in constant transformation, a social space that represents the city in which it is located and gives shape to the invisible qualities of its construction process, showing us through its materialities the meanings and expressions typical of each period experienced in its urban environment.

KEYWORDS: São Salvador Square; Campos dos Goytacazes; Urban morphology.

INTRODUÇÃO

Este artigo corresponde ao primeiro capítulo de minha dissertação de mestrado, a qual tratou dos contemporâneos usos e sentidos conferidos à Praça São Salvador, localizada no centro da cidade de Campos dos Goytacazes (RJ). Inicialmente, a ideia de escrever sobre a história dessa praça ocorreu-me mais por uma inquietação pessoal que por necessidade teórica para a investigação que me propusera a fazer. Logo percebi que, mesmo vivendo em Campos dos Goytacazes durante boa parte de minha vida, desconhecia completamente a história deste local, presente no imaginário de todos os seus moradores. Para mim seria impossível falar sobre a praça do presente sem conhecer a do passado.

Iniciei uma investigação desvinculada da pesquisa de dissertação, somente para satisfazer minha própria curiosidade e enfrentei dificuldades em encontrar artigos ou textos que apresentassem de forma sistematizada o processo de transformação da Praça São Salvador ao longo do tempo. Percebendo que entre as formas plásticas por ela ostentadas e os usos comportados ao longo de sua história existia uma forte relação, encontrei um gancho teórico entre a minha pesquisa de mestrado, em que buscava compreender os atuais usos e sentidos conferidos à praça, e a investigação sobre os demais momentos e períodos históricos vividos no lugar. O elo entre o passado e o presente foi a verificação de que a plástica dessa praça decorre de uma construção histórica relacionada aos contextos sociais, culturais e econômicos vividos na cidade e de que os usos que ocorrem em seu espaço variam junto com as alterações implementadas em sua forma. Tanto a configuração física quanto seus usos e sentidos são expressões dos contextos urbanos e transformam-se, como um organismo cheio de vida e movimento, junto com a própria cidade.

A MORFOLOGIA URBANA: O ESTUDO DAS QUALIDADES VISÍVEIS E INVISÍVEIS DA CIDADE

O local que hoje conhecemos como Praça São Salvador é o resultado de um processo de construção histórica que se desenvolveu juntamente com a formação do próprio ambiente urbano da cidade de Campos dos Goytacazes, no Estado do Rio de Janeiro. A forma plástica do seu espaço e entorno, bem como os seus usos e apropriações,

podem ser compreendidos como elementos decorrentes das mudanças ocorridas nos distintos momentos vivenciados na cidade.

De acordo com Park (1967), as cidades podem ser lidas e interpretadas como fruto das emanções da mente humana, locais em que os hábitos e costumes de seus habitantes tomam forma e se materializam em suas construções. Dessa maneira, os ambientes urbanos relacionam-se às sociedades características de seu contexto e às formas de administração das disputas, dos usos e dos encontros contemporâneos às distintas épocas.

Explica o citado autor:

A cidade é algo mais do que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais, ruas, edifícios, luz elétrica, linhas de bonde, telefones etc.; algo mais também do que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos – tribunais, hospitais, escolas, polícia e funcionários civis de vários tipos. **Antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana.** (PARK, 1967, p. 25, grifo nosso.)

Assim, os espaços urbanos podem ser compreendidos como organismos que se modificam e adaptam aos distintos *estados de espírito* vivenciados em cada momento. Nesse sentido, os estudos relacionados à morfologia urbana, disciplina que investiga a cidade como o habitat humano e a transformação de suas formas, tratam os espaços urbanos como sendo resultantes “da acumulação e da integração de muitas ações individuais, ou de pequenos grupos – ações determinadas por tradições culturais e moldadas por forças sociais e econômicas desenvolvidas ao longo do tempo” (MOUDON, 2015, p.41).

Segundo a morfologia urbana, elementos como edifícios, praças, parques, ruas e jardins são considerados “organismos que vão sendo constantemente utilizados e transformados” (MOUDON, 2015, p.42), conforme necessidades e costumes vivenciados em cada época da cidade. Moudon acrescenta que “a forma urbana só pode ser compreendida na sua dimensão histórica uma vez que os elementos que ela compreende sofrem uma contínua transformação e substituição” (2015, p.45).

Por forma urbana podemos compreender “a parte visível, ou a configuração da essência” (PERDICOÚLIS, 2014, p.40) das cidades, “as figuras e as cores, o horizonte, a vegetação, as casas, os espaços comerciais, as estradas” (PERDICOÚLIS, 2014, p.41), ou seja, os seus aspectos visuais e materializados. No entanto, na constituição de tais aspectos, encontram-se qualidades invisíveis de processos que “não poderiam estar presentes nas fotografias ou nos desenhos técnicos de arquitetura (...) Estas dimensões invisíveis estendem a essência da cidade para além da forma, que é visual” (PERDICOÚLIS, 2014, p.41).

O estudo da morfologia da Praça São Salvador mostra-nos sua construção em uma

dimensão temporal e evidencia como seu ambiente foi alvo das variadas transformações ocorridas ao longo do tempo e que a tornaram um espaço central para a vida urbana de Campos.

A CENTRALIDADE DA PRAÇA DA VILA DE SÃO SALVADOR

O início da história do local onde hoje encontramos a Praça São Salvador pode ser situado antes da formação da Vila de São Salvador. Localizada em um outeiro (uma elevação do terreno), tudo indica que ali encontrava-se um cemitério indígena, fato este auferido após escavações realizadas no Século XIX e noticiado pelo Jornal Monitor Campista no dia 1° de maio de 1886 (*apud* FEYDIT, 1979, p.139):

Nas escavações que se estão fazendo na praça de S. Salvador, em frente a Matriz, tem se encontrado muitos ossos humanos, sendo de notar que os *craneos* estão enterrados em linha; se achou também uma talha contendo ossos. Pena é que os trabalhadores a tivessem quebrado quando escavavam o lugar. É de supor que esses ossos sejam de indígenas, pois, não há memória de que aquelle lugar tivesse servido para enterramentos desde que Campos foi povoado pelos portugueses.

A notícia acima revela que o sítio já abrigava camadas temporais mais antigas que aquelas das quais temos conhecimento, com sentidos diversos dos que encontramos hoje, revelando-nos a importância desse espaço mesmo antes da vinda dos primeiros colonos portugueses e da cultura que aqui se instalou a partir de então.

As investidas de ocupação do território pelos colonos para a criação de um povoado tiveram início no Século XVII. Sabe-se que já no ano de 1653 o local em que se situa a cidade de Campos possuía uma Igreja Matriz e uma Casa de Câmara (FEYDIT, 1979, p.66), construções exigidas pela Coroa Portuguesa para a consolidação das cidades coloniais (OLIVEIRA, 2010, p.179).

No final do Século XVIII, a Matriz que existia na região não se localizava na praça em estudo¹. Já a Câmara funcionava em um prédio alugado e não contava com a função de cadeia. Sendo assim, em 1704 os oficiais do Senado decretaram que se construísse um edifício que contivesse ambas as funções, ou “ao menos uma casa para guardar o tronco que servia de prisão” (FEYDIT, 1979, p. 71). Em 1707, o novo edifício, sítio onde hoje está a Praça São Salvador, foi concluído e entregue aos oficiais do senado.

Também por volta do início do Século XVIII iniciou-se o movimento de transferência da antiga Igreja Matriz para onde hoje se encontra a Igreja São Salvador, defronte a praça em estudo. A transferência da Matriz, segundo relatos de Feydit (1979, p.260), deveu-se ao fato de que a primeira igreja estava deteriorada e, ao invés de reconstruí-la, “o povo julgou

1 Segundo Feydit (1979, p.46), já se pretendia erigir a primeira Igreja Matriz onde hoje está a Igreja São Salvador. Porém, em respeito ao antigo cemitério indígena, os primeiros povoadores julgaram que a construção da Matriz nesse mesmo sítio significaria “profanar as cinzas de seus antecessores”, valendo salientar, todavia, que em seu livro não aparece nenhum documento que respalde essa informação.

mais acertado mudar ou fazer a nova matriz em lugar mais alto”, ressaltando que o novo sítio se localizava próximo ao Rio Paraíba do Sul² e que no local já havia uma pequena capela, conhecida por Capela dos Passos (FEYDIT, 1979, p.319).

A nova construção da Igreja Matriz, concluída em 1745, possibilitou o surgimento da Praça São Salvador como elemento central do espaço urbano em formação³. O adro da igreja (espaço livre à frente do edifício) atraía para o seu entorno os solares e demais instituições que viriam a se instalar na vila. À medida que esses prédios eram construídos, consolidavam-se as delimitações espaciais da praça – seu perímetro retangular. Fronteiriços à praça, ergueram-se os demais edifícios residenciais e públicos, tais como a Igreja Mãe dos Homens e Santa Casa de Misericórdia (1786), os solares residenciais e a Casa de Câmara e Cadeia e o Pelourinho, estes dois últimos prédios erigidos ali antes mesmo do fim das obras da nova Matriz.

As praças no período colonial possuíam a função de unir a sociedade às instituições da cidade e reunir a congregação na Matriz, servindo de espaço para as festas religiosas e para a estruturação da vida social da população. Como nos apontam Robba e Macedo (2003, p.22):

A praça – até esse momento chamado de largo, terreiro e rossio – era o espaço de interação de todos os elementos da sociedade, abarcando os vários estratos sociais. Era ali que a população da cidade colonial manifestava sua territorialidade, os fieis demonstravam sua fé, os poderosos, seu poder, e os pobres, sua pobreza. Era um espaço polivalente, palco de muitas manifestações dos costumes e hábitos da população, lugar de articulação entre os diversos estratos da sociedade colonial.

Além dos mencionados usos, a visibilidade e centralidade da Praça São Salvador proporcionaram que ela se tornasse palco de fatos que constituíram a trajetória e o imaginário da cidade. Como exemplo, podemos citar a história de Benta Pereira, figura considerada por alguns como a “heroína campista”. Em 1748, essa mulher liderou uma tropa de populares insatisfeitos com as altas taxas tributárias e abusos cometidos pelo 3º Visconde de Asseca, Diogo Corrêa de Sá. O fato foi narrado por inúmeras pessoas e não se sabe ao certo como foi o ocorrido; não obstante, a história atravessou os séculos e hoje faz parte da narrativa da cidade. Segundo a versão contada por Feydit (1979, p. 198):

A infantaria, antes de entrar, foi dividida em três companhias, para pôr em cerco a vila (...) antes da última companhia penetrar a S. Salvador, foi ela batida e dispersada por Benta Pereira à frente de mais de 200 cavaleiros e índios armados de chuços, flechas e poucas armas de fogo, de pederneira (...) Benta Pereira à frente do povo, parecia uma avalanche depreendida do alto de uma montanha, que levava tudo diante de si.

2 Faria e Quinto Jr. (2017) tratam da importância do Rio Paraíba do Sul como elemento estruturador da formação da cidade de Campos dos Goytacazes.

3 Vale ressaltar que de início fora chamada simplesmente de *praça*, já que foi a única até o ano de 1830, e posteriormente de Praça Principal, vindo a ser nomeada Praça São Salvador no ano de 1867 (FEYDIT, 1979, p.282; SOUSA, 2004, p.23).

A Praça São Salvador no Século XVIII era um dos locais centrais da vida que se constituía na vila e, dessa forma, foi um dos seus vetores de crescimento e urbanização. No final do Século XVIII a economia local se transformara. Antes baseada na criação de gado e seus derivados, deu lugar à importação de gado de Minas Gerais e aos investimentos na cultura da cana-de-açúcar. Essa nova economia possibilitou uma grande pujança monetária, que se reverteu no crescimento e na modernização da estrutura urbana da Vila de São Salvador.

À medida que a cidade crescia e se transformava, a Praça São Salvador se definia como polo da vida social e também eixo de crescimento urbano. Segundo Caldeira (2010, p.25), as praças coloniais “cumpriam o papel de marco urbano, de ponto de referência na estrutura da paisagem”. Assim, a partir da praça se projetava o traçado urbano e se consolidava o restante dos espaços da vila (CALDEIRA, 2010, p. 31).

A praça era composta por um grande espaço livre, delimitado pelos edifícios fronteiriços, porém ainda sem pavimentação e com a permanente presença de lama e mato (Figura 1), o que causava grandes transtornos em dias chuvosos (SOUSA, 2004, p.23).



Figura 1: Fotografia da Praça São Salvador em meados do Século XIX

Fonte: Autor desconhecido, Museu Histórico de Campos (2019).

Verifica-se assim o mesmo padrão das praças típicas do período colonial, cujos usos eram destinados “(...) ao comércio, à política e às atividades religiosas, eventos que representavam as relações sociais. Não incluíam (...) equipamentos públicos urbanos que modificaram suas características originais, acrescentando-lhes a função do lazer”

(MENDES *et al*, 2011, p.51).

A praça colonial era o espaço por excelência em que todos tomavam consciência dos acontecimentos que ocorriam na cidade e participavam de atos comunitários, tais como “pregões, leituras de resoluções, camarárias, reuniões para procissões ou festejos, feiras, cavalhadas, execuções” (MENDES *et al*, 2011, p.53). Era também nas praças que as pessoas se reuniam para “atividades oficiais, leigas, religiosas, pagãs, sob a tutela e testemunho da Igreja e da Câmara” (MENDES *et al*, 2011, p.53).

Em 1835, a Vila de São Salvador foi elevada à categoria de cidade, fato comemorado entre a população com grande fervor na Praça Principal. A festa durou três noites e foi descrita em detalhes por Sousa (2004, p.14):

Que houvesse regosijo, iluminação geral por tres noites, com as lanterninhas de vella de sebo, Te Deum, na Matriz do Padroeiro, cavalhadas com os dextros mouros e christãos a quebrarem boiões de barro e arrebatarem argolinhas de prata, na Praça Principal, tudo isso é bem admissivel e mais que certo quando se teve conhecimento da nova categoria conferida á terra goytacaz, pois era um uso muito em vóga, sem faltar as danças de mascarados...

Era costume que as pessoas se divertissem e comemorassem festas tradicionais nesta praça tais como as “cavalhadas de São João, ‘os impérios do divino’ e as ‘danças de anões’” (SOUSA, 2004, p.24). Até meados do Século XIX, eram raros os espaços voltados para entretenimento na cidade. Os estudantes vindos do Rio de Janeiro não encontravam aqui os cafés e teatros que já existiam na capital (FEYDIT, 1979, p.308).

Porém, no fim do Século XIX, novas transformações afetaram tanto o espaço da cidade quanto a vida urbana da região. O fim da escravidão e a inserção de novas indústrias fizeram com que Campos adentrasse no “mundo moderno”. A antiga elite aristocrática cedeu lugar para uma nova burguesia urbana composta por profissionais liberais, intelectuais, comerciantes, investidores e servidores públicos (FARIA, 2008), além dos proprietários rurais que possuíam sua residência na cidade. Segundo Faria, “conformaram, pois, neste fim do século 19, uma nova elite, participando da produção de uma nova forma urbana, através de seus valores, escolhas estéticas, necessidades e de desejos” (2008, p.56). A fim de atender aos novos anseios e gostos, o espaço urbano foi reconfigurado, bem como os seus usos e funções.

A PRAÇA COMO CENÁRIO DA VIDA BURGUESA

De acordo com Robba e Macedo (2010, p.28-31), na virada do Século XIX para o XX, as cidades brasileiras passaram por uma transição do antigo modelo colonial para um modelo considerado republicano. A cidade deveria ser “bela, higiênica e pitoresca” e, para tal, os espaços públicos deveriam estar de acordo, constituindo locais de exposição dos novos valores em ascensão. Além disso, os novos meios de transporte e comunicação tornaram possível a concepção de uma nova vida urbana, à qual se associou a construção

material de uma renovada paisagem citadina.

Na região central nomeada *Beira-Rio* foi construída a zona portuária onde exportavam-se as produções regionais e importavam-se as últimas novidades do mundo europeu (FARIA, 2008). Nessa área eram instalados os comércios e lojas que vendiam os artigos importados. Para impulsionar o acesso a essa região, foi inaugurado em 1875 o primeiro bonde da cidade, de tração animal, ligando o bairro da Coroa até a Praça São Salvador. Essas transformações colaboraram para que essa região “se transformasse no lugar mais animado da cidade” (FARIA; QUINTO JR., 2017, p.110). Pereira Pinto (2006, p.117) explica o contexto dessas transições:

Uma sociedade ativa e dinâmica caracterizava o decênio final do século 19 (...) os reflexos econômicos estimulavam o requinte e as atividades culturais; jornais, publicações literárias e teatros. Campos estava amadurecida e confirmava a sua liderança política no Estado e surgia, na sobra do século, como a 4° cidade brasileira em população.

A modernização da cidade⁴ promoveu mudanças na Praça Principal, que a partir de 1867 passou a se chamar Praça do Santíssimo Salvador (SOUSA, 2004, p.23). O antigo prédio da Casa de Câmara e Cadeia⁵ foi destruído com a justificativa de que “impedia a visão da Praça São Salvador” (FARIA, 2008, p.55). Ademais, no entorno da praça foram construídos os edifícios mais emblemáticos do momento, com destaque para a Associação Comercial, a Repartição dos Telégrafos, a Lyra de Apollo, a Câmara Municipal, o templo da Misericórdia, o Banco do Brasil, a Biblioteca Municipal e o ponto de bonde, bem como “os edifícios dos habitantes mais abastados, adstrictos a architectura da época” (SOUSA, 2004, p.22 e 25). Vale ainda mencionar os cafés e outros espaços frequentados pela burguesia que aqui se consolidava, transformando a praça e o seu entorno “em pontos de centralidade e animação, muito importantes para as relações sociais na cidade” (FARIA, 2010, p.6).

Durante esse período de modernização, pelo qual não só Campos passava, mas as cidades brasileiras em geral, as praças assumiram novo sentido, sendo transformadas em *praças ajardinadas*. Nessa nova tipologia de praça, os usos comerciais, militares e festivos foram alterados para favorecer a contemplação e o descanso. De fato, “a praça ajardinada devia ser frequentada segundo algumas normas de conduta e comportamento bastante rígidas e hierarquizadas, não se assemelhando em nada ao antigo polivalente largo colonial” (ROBBA; MACEDO, 2010, p.28-29).

Nesse contexto, no ano de 1893, a Praça São Salvador sofreu uma intervenção

4 Cabe salientar que o processo de modernização e urbanização da cidade de Campos teve suas especificidades e manteve estreitos laços com a vida rural. Era nos engenhos, afastados do centro da cidade, onde se encontrava a atividade econômica mais importante do município, bem como grande parte de sua população. Segundo expressão criada por Faoro (2010, p. 698), pode-se compreender o cenário que se conformava na cidade por meio da expressão *rurbano*, ou seja, o corpo social formado pelos *homens da cidade* era marcado pela mentalidade e influência de interesses *rurais* (FRANCO, 2006, p. 26).

5 O trecho da praça no qual se situava a Casa de Câmara e Cadeia atualmente recebe o nome de Praça das Quatro Jornadas, em homenagem a Benta Pereira, cuja história foi narrada anteriormente.

que a deixou muito similar ao *Campo da Aclamação*, atualmente conhecido por *Campo de Santana*, localizado na cidade do Rio de Janeiro (SOUSA, 2004, p.24). A referida praça passou a contar com um jardim arborizado em seu centro (Figura 2) e grades em seu entorno, que eram fechadas às 21 horas. Quem estivesse dentro da praça após esse horário “era convidado... por um guarda mui «delicado», para se retirar incontinenti daquelle «logradouro publico»...” (SOUSA, 2004, p.24). Essa mudança estética e funcional pretendia trazer os chamados *ares da capital* para a cidade do interior, com inspiração nas últimas modas surgidas no Rio de Janeiro e nos países europeus.



Figura 2: Fotografia da Praça São Salvador entre os séculos XIX e XX.

Fonte: CD de imagens do Arquivo Público Municipal, 2019.

As mudanças estéticas aplicadas na praça foram contemporâneas a mudanças no estilo de vida que configuravam novas formas de sociabilidade. A Praça São Salvador era o lugar público por meio do qual se procurava evidenciar o novo momento no qual a sociedade campista adentrava. Alves (2013, p.72, grifo nosso) ilustra bem esse momento:

Anos de dinheiro farto, traduzidos pelo jorrar do açúcar das turbinas das usinas, a efervescência dos negócios no Café High-Life, a bolsa de negócios, onde circulavam usineiros industriais e os comissários de negócios (...) Discutia-se a cotação do açúcar no mercado, as transações das casas comissárias com os usineiros e produtores, além das contendas políticas (...). A suntuosidade das edificações, o usufruto do luxuoso e o gosto pelo conforto marcavam o cotidiano da cidade. **O passeio pela Praça São Salvador, as tardes na Confeitaria Americana, a ida ao teatro Orion, São Salvador e assistir ao que se apresentava de mais atual em matéria de ópera e canto lírico, as viagens à Europa.** A sociabilidade alicerçada no gosto e o bem receber (BOURDIEU, 2011) definia a posição da elite na sociedade, o importante era

o contato com a civilização e as últimas novidades de Paris e Londres.

Vê-se que a Praça São Salvador e os edifícios do seu entorno ambientavam um estilo de vida com pretensões de se assemelhar à sociedade burguesa europeia, adaptando-se os seus espaços aos interesses da elite econômica capitalista e transformando-se no reduto da vida financeira da cidade e no local de sociabilidade dos *homens de negócio*.

Ainda na conjuntura de modernizações no início do Século XX, a cidade passou a ser influenciada pelos discursos sanitaristas, cujo principal expoente foi o engenheiro Saturnino de Brito. Com fundamento na necessidade de promover higiene e saúde, a cidade passou a receber diversas obras que visavam ao seu embelezamento e à transformação do velho tecido urbano, adaptando-o às novas necessidades da economia capitalista e aos interesses da burguesia em ascensão (FARIA, 2008).

Mesmo com a mudança de estilo e usos da praça, ela se manteve como o lugar de ampla visibilidade e acessibilidade dos distintos públicos da cidade e, portanto, o *locus* dos discursos políticos. Um evento emblemático ocorreu no ano de 1904, quando, segundo Soares (2012), a companhia inglesa *The Campos Syndicate Limited* (que passaria a fornecer serviços de água e esgoto em 1905) doou um chafariz de louça belga ao então prefeito de Campos. Este, por sua vez, doou-o para a cidade, sob o pretexto de que preferiria colocá-lo em um local onde pudesse ser admirado por todos, sendo então instalado onde anteriormente estava a Casa de Câmara e Cadeia. A Praça São Salvador passava a ostentar um símbolo do movimento higienista, mostrando seus valores a todos que por ali passassem.

A praça se transformara junto com a cidade. Caiu o antigo símbolo da cidade colonial (a Casa de Câmara e Cadeia) e ergueu-se o novo (o Chafariz Belga), modificaram-se os pensamentos, os hábitos e os costumes. Destaca-se o discurso da importância da saúde, da limpeza e da higiene, maiores preocupações sociais do período, projetando-se no espaço público os motes do momento.

A PRAÇA DA CIDADE MODERNA

No ano de 1935, em comemoração ao centenário da emancipação de Campos dos Goytacazes à categoria de cidade, houve uma série de reformas. A antiga Igreja São Salvador foi demolida e a que conhecemos atualmente foi erguida em seu lugar⁶. Os edifícios no entorno da praça foram remodelados e pintados, bem como a própria praça. Foram feitos grandes esforços para que a cidade adentrasse no mundo moderno, como noticiado por um periódico da época:

A cidade conserva ainda hoje aspectos do tempo de Campos colonial. E não

6 Segundo Sousa (2004, p.262), “transformado a velha Matriz em Cathedral pela criação do Bispado de Campos, a igreja já apresentava, em 1928, cinquenta e um anos depois da última reforma, visíveis sinais de perigosa ruína, sendo demolida para surgir o estupendo templo projectado por D. Henrique Mourão executado pelo extraordinário espirito de Monsenhor João de Barros e Uchôa” e inaugurado no ano de 1935 (Biblioteca do IBGE, 2015).

é justo que esses aspectos, existentes há cem anos, continuem afrontando a estética urbana e colocando Campos ao lado das cidadelas que ainda não se levantaram para o avanço do progresso (Monitor Campista, 14/03/1937, *apud* VIEIRA, 2003, p.46).

O urbanismo passara a adotar um tom *científico* e se consolidava no Rio de Janeiro por meio do plano de autoria do engenheiro francês Alfred Agache. Em 1940, o então engenheiro da capital promoveu um plano para São João da Barra, cidade vizinha a Campos. Nesse mesmo período, os engenheiros Mário Motta e Salo Brand, à frente da administração campista, anunciaram uma série de transformações urbanas que propunham o embelezamento, a higiene e a estruturação da cidade. As intervenções empreendidas durante este período tenderam a criar novos pontos de centralidade na malha urbana por meio do alargamento e da criação de novas ruas, bem como da construção de praças em novas localidades.

Entretanto, a área central já consolidada permaneceu sendo o símbolo de representação da cidade e, portanto, não deixou de ser contemplada com as obras desta nova intervenção. A cidade adentrava em um momento marcado pelo estilo moderno. O espaço urbano deveria ser arrojado, limpo, produtivo, populoso, veloz e motorizado. O antigo jardim público se deslocara para dentro das residências, tornando-se particular.

Segundo Robba e Macedo, “as novas tendências formais modernas, aliadas aos novos programas de uso (...) caracterizam uma nova linha de projeto paisagístico denominada *Modernismo*” (2010, p.36). Os autores ressaltam a ligação dessa linha movimento artístico e arquitetônico homônimo e apontam Roberto Burle Marx como seu grande expoente no Brasil (2010, p.36). Seguindo esta tendência, as obras realizadas modificaram o estilo da praça, alinhando-o aos novos padrões estéticos da época e renovando a posição de destaque da praça no centro urbano.

A remodelação da Praça São Salvador vinha junto com o desejo de se transmitir uma nova mensagem e se alinhar aos padrões estéticos em voga nas capitais, a exemplo do uso de pedras portuguesas no calçamento da Avenida Atlântica no Rio de Janeiro (Figura 3).



Figura 3: Fotografia da Praça São Salvador em meados do século XX.

Fonte: antigo cartão postal da cidade.

O intento de se criar uma nova imagem para a cidade é evidenciado por jornal da época: “Sobrados mastodonticos, prédios altos, beiras de telha ostentando ainda por cima os clássicos sótãos reflectindo um tempo colonial que já não deve sobreviver. Felizmente tudo passou. E Campos se moderniza” (Monitor Campista, 16/06/1936, *apud* VIEIRA, 2003, p.45).

Mesmo após as mudanças que ocorreram na cidade e no espaço da Praça São Salvador, esta continuou sendo o lugar privilegiado dos *discursos*. Assim, no ano de 1947, a praça foi palco de novo ato político, consubstanciado na instalação de uma estátua de bronze, criada pelo laureado artista campista, Modestino Kanto. A peça homenageava os soldados campistas mortos na Guerra do Paraguai e na II Guerra Mundial e fora intitulada como *Monumento ao Expedicionário*.

A mensagem transmitida pela estátua versava sobre a bravura daqueles que partiram para a guerra. A boa visibilidade proporcionada pela praça foi benéfica para a propagação da mensagem, tendo todos que passavam por ali a chance de saber dos feitos dos *heróis de guerra*, bem como de admirar suas coragens, boas atitudes e maestria em doar suas vidas à nação⁷.

A PRAÇA COMO PONTO E A PRAÇA VERDE

A partir da Segunda Guerra Mundial a praça sofreu novas mudanças. Os antigos

7 A participação de Campos dos Goytacazes na Guerra do Paraguai, notadamente dos Voluntários da Pátria, é relatada por Sousa (2014, p. 129-140) e Feydit (1979, p.474).

edifícios do entorno da praça, remanescentes dos demais períodos vividos na cidade, começaram a ser ameaçados pela construção de outros com uma arquitetura verticalizada e estilo contemporâneo ao momento.

A praça começara a perder o *prestígio* tido em tempos anteriores, deixando de ser o *local da burguesia*. As práticas sociais e os encontros típicos da sociedade campista⁸ que outrora frequentava os cafês e espaços de encontro localizados no entorno da praça, se deslocaram para outros locais da cidade.

A partir das décadas de 1970 e 1980 a cidade adentrou em um novo momento econômico. A descoberta da bacia de petróleo na região de Campos atraiu mais pessoas para a cidade, o que por consequência ocasionou maior demanda por serviços e novas atividades, além de exigir uma ampliação na estrutura urbana e de transporte.

Essas novas necessidades impulsionaram mudanças no espaço urbano que puderam ser, mais uma vez, evidenciadas na Praça São Salvador, a qual passara a apresentar outra configuração física, com novos usos e funções. Foram destruídos alguns prédios icônicos do entorno, como a Igreja Mãe dos Homens e a Santa Casa de Misericórdia, dando lugar a um grande estacionamento. Além dessa mudança, apareceram edifícios altos que mudaram a antiga paisagem do local, como a sede do INSS (1972), a da Associação Comercial e Industrial de Campos (ACIC), que passou a ocupar um dos andares do então chamado Edifício Ninho das Águias (1983) e o Edifício Cidade de Campos (1987).

Ademais, foram instalados pontos de ônibus em ambos os lados da Praça Quatro Jornadas, ao lado da qual, onde antes encontravam-se a Igreja Mãe dos Homens e a Santa Casa de Misericórdia, passou a haver um estacionamento (Figura 4). Enfatiza-se desse modo seu papel de grande “ponto” de transporte na área central, em detrimento do seu caráter contemplativo.

8 Categoria discutida por Cunha (2007, p.4) para se referir às “famílias com poder econômico variado que, através de hábitos compartilhados, uniam-se compondo um só grupo: a ‘sociedade’ campista. Essas famílias relacionavam-se entre si por meio de um complexo e hierárquico sistema de prestígio, cabendo a cada uma lugares e papéis sociais bem definidos. O grupo compõe-se de abastados usineiros até comerciantes e professores que compartilham, por exemplo, dos mesmos salões dos clubes sociais de Campos e do mesmo espaço de vilegiatura: Atafona.”



Figura 4: Fotografia dos pontos de ônibus localizados no trecho da Praça São Salvador, conhecido como Praça Quatro Jornadas

Fonte: Blog Campos em Fotos, 2013.

Ao final da década de 1980, Anthony Matheus Garotinho, eleito prefeito de Campos, propôs novas mudanças na Praça São Salvador, visando a impulsionar a cidade para um caminho mais “moderno” e “democrático”, em oposição ao velho modelo político que vigorava desde a década de 1960, considerado por ele “oligárquico” e “elitista” (MATIAS, 2015, p. 2). Desse modo, em 1996 (PAES, 2016, p.5), a praça, alvo de representações estéticas e também políticas, passa por mais uma mudança de representação de valores (Figura 5).



Figura 5: Fotografia da Praça São Salvador nos anos de 1990.

Fonte: Jornal Folha da Manhã, 2018.

A ênfase das praças nesse momento recai numa tendência *naturalista*, como explicam Robba e Macedo, que visa a “amenizar as condições climáticas, da qualidade do ar e insolação” (2010, p.37). Além disso, o espaço passa a atuar como “articulador e centralizador da circulação de pedestres” (2010, p.37). Esse modelo de praça está baseado “na estruturação formal e funcional do espaço. Estares interligados e tridimensionalmente estruturados por elementos vegetais foram criados para conduzir e abrigar o usuário” (2010, p.38). De fato, conforme apontam os autores, “os espaços da praça moderna foram idealizados para a permanência e não o simples caminhar dos transeuntes” (2010, p.37).

Dessa forma, a alteração na forma física da praça é acompanhada da mudança de uso e de novas formas de apropriação, de modo a propiciar a permanência do usuário e a oferecer uma estética que valoriza a presença de vegetação.

A PRAÇA CONTEMPORÂNEA

Nos anos 2000, mais especificamente entre os anos de 2004 e 2005, a Praça São Salvador passou por uma nova transformação estética, assumindo a forma que conhecemos atualmente (Figura 6).



Figura 6: Fotografia da Praça São Salvador.

Fonte: autoria própria, 2019.

O desejo de um projeto de revitalização para área central já era discutido e debatido pela CARJOPA (Confraria de Amigos da Rua João Pessoa⁹), pela CDL (Câmara de Dirigente

⁹ A Rua João Pessoa, localizada na área central da cidade e próxima a Praça São Salvador, é uma das mais antigas da cidade a abrigar comércio e serviços.

Lojistas) e pela ACIC (Associação Comercial e Industrial de Campos) desde os anos de 1996 (PAES, 2016).

Segundo Paes (2016, s/p), no ano de 2001 a prefeitura anunciou o que fora considerado como um “megaprojeto para planejar o futuro (...) um pacote de choque urbanístico e social, que não tem cronograma e nem recursos definidos”. Dentre os pontos abordados, o projeto previa que “a Praça do S.S. Salvador terá ares de Praça de São Marcos em Veneza e a pirâmide de vidro no centro da cidade será como a do Louvre em Paris” (PAES, 2016, s/p). Um dos objetivos do plano era atender aos anseios dos comerciantes para que as lojas pudessem ficar abertas até mais tarde e os clientes “pudessem andar com mais segurança” na área central (PAES, 2016, s/p).

As obras da Praça São Salvador foram iniciadas no ano de 2004, sob o comando do prefeito Arnaldo Vianna e concluídas no ano de 2005, no mandato de Carlos Alberto Campista (TRINDADE, 2019). Durante esse período, a cidade passava por um momento de grande crescimento econômico, proporcionado pelo aumento da arrecadação de *royalties* oriundos da atividade petrolífera. Assim, não só a Praça São Salvador, mas toda a cidade se viu em um momento de novas esperanças e desejos, trazidos pela expectativa de crescimento econômico.

Orçada em 46 milhões de reais (TRINDADE, 2019), a renovação da praça compreendeu a retirada de árvores, a substituição dos antigos bancos com encostos por novos bancos, em formato de “caixão”, e a mudança do antigo piso de pedra portuguesa para um piso de granito. A nova linguagem que a praça passou a adotar buscava responder a questões que os espaços públicos em geral enfrentavam ao fim do segundo milênio. A intensificação de uma série de problemas urbanísticos, tais como “o aumento do volume do tráfego de veículos e pessoas, a escalada da violência, a degradação progressiva do ecossistema urbano e da qualidade de vida na cidade, além da dificuldade de gerenciamento de complexos urbanísticos tão grandes” (ROBBA; MACEDO, 2010, p.41), demandou dos planejadores e projetistas soluções inovadoras.

No entanto, a remodelação da Praça São Salvador causou estranhamento em parte da população e foi alvo de críticas de alguns grupos da cidade. Segundo Paes (2016, s/p):

Os camelôs que ocupavam área próxima à Agência dos Correios, se sentiram prejudicados (O DIÁRIO, 05/12/04), além deles, alguns comerciantes também se queixaram. Os comerciantes, com estabelecimentos no entorno da praça, se sentiram lesados, pois sem acordo prévio para as obras, não puderam tomar providências a respeito das vendas, prejudicadas por falta de acesso do público (O DIÁRIO, 14/02/05 e 24/04/05). A população reclama a falta de árvores na nova praça. Elas abrigavam em suas sombras, o encontro de campistas de várias idades, que apreciavam uma conversa à brisa do vento nordeste (Folha da Manhã, 23/03/05).

Segundo o professor Aristides Sofiatti esta “é a fisionomia mais feia que a praça apresentou em toda a sua história” (BRAZ, 2013). A seu turno, o pesquisador Leonardo

Vasconcellos relata ao *Jornal Terceira Via* (TRINDADE, 2019) o seguinte:

Na minha concepção, a praça pós-gestão de Arnaldo Viana é um equívoco. Temos uma cidade muito quente. É inconcebível tirar as árvores e plantar palmeiras outra vez que não oferecem sombra e conforto térmico. Ali só é possível ficar um período da manhã e à noite. Não é praça de convivência. Na Europa funciona por ser região fria. A São Salvador atual foi inspirada em uma praça de Nice, na França.

O projeto objetivava atualizar a imagem da praça, conferindo um estilo contemporâneo e moderno. A proposta de sua revitalização promovia visibilidade para os feitos da administração municipal e pretendia atrair a população de volta para os espaços do comércio tradicional da cidade. A cidade passava por uma mudança no perfil do comércio e dos consumidores. A chegada de novos *shopping centers* e franquias internacionais instaladas em áreas mais afastadas, bem como a valorização da Avenida Pelinca como nova representação de centralidade comercial, tiravam do centro o prestígio e efervescência tão característicos até então¹⁰.

Dividida entre opiniões e demandas, a Praça São Salvador se transformou e, juntamente com ela, os seus usos e apropriações, inclusive para além das intenções dos gestores políticos e dos grupos de lojistas do entorno. O lugar passou a apresentar novas ambiências e a atrair diferentes públicos daqueles que a frequentavam anteriormente, bem como possuir novos sentidos¹¹. Atualmente ele é utilizado como uma grande esplanada de passagem por aqueles que transitam pela área central e também é apropriado por vários outros grupos da cidade, tais como skatistas, patinadores, moradores de rua, religiosos, crianças e outros, que lhe conferem distintos significados. A Praça São Salvador pode ser considerada um espaço *polissêmico* e plural, compartilhado pelos variados públicos da cidade que nela se encontram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da exposição da morfologia da praça apreende-se que a sua forma pode ser compreendida como um organismo que se modificou – e continua se modificando – junto com as transformações ocorridas no espaço urbano sob os diferentes contextos históricos vividos na cidade. A paisagem dessa praça extrapola os seus limites físicos e se relaciona diretamente à história da cidade e a seus processos sociais, econômicos e culturais.

Ressalte-se que, por mais profundas que tenham sido as alterações físicas ocorridas ao longo de sua história, o espaço conserva elementos específicos de outros tempos, tais como o seu próprio perímetro retangular, definido ainda no período colonial, o Chafariz Belga e o Monumento aos Expedicionários de Guerra, erigidos respectivamente no início

¹⁰ Segundo a historiadora Sylvia Paes (2016, s/p), desde o ano de 1996 os jornais locais publicam notícias sobre o esvaziamento do centro como área comercial.

¹¹ Sobre as atuais ambiências da praça, bem como seus públicos, usos e sentidos ver Sanz (2019).

e em meados do Século XX. Destacam-se ainda os edifícios no seu entorno, em especial o atual Museu Histórico de Campos, remanescente do final do Século XVIII, que abrigou a casa do Visconde de Araruama, e para os exemplares do Século XX.

O fato de a Praça São Salvador ser uma construção histórica confere a ela sentidos e tonalidades afetivas (THIBAUD, 2012, p.9) que podem ser lidos e interpretados pelas suas diversas camadas temporais. As lembranças de como foi a praça em outras épocas podem criar um olhar crítico sobre a sua atual forma plástica e seus usos, conduzindo o sentimento nostálgico a eventuais denúncias de que a praça teria perdido as suas características de convivência, sociabilidade e ponto tradicional de encontro. No entanto, basta uma curta visita e um olhar atento para perceber que a praça se mantém como um ponto de efervescência, muito frequentada pela diversidade de públicos que habitam o ambiente urbano. Assim, ainda hoje, a Praça São Salvador conserva-se como um dos espaços públicos de maior representatividade na cidade de Campos dos Goytacazes.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Heloíza de Cacia Manhães. **A elite local e a modernização urbana em Campos dos Goytacazes: um projeto político 1930-50.** Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Campos dos Goytacazes, RJ, 2013
- Biblioteca IBGE. **Catedral Menor do Santíssimo Salvador: Campos dos Goytacazes, RJ.** Disponível em: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=445271&view=detalhes>>, acessado em 22 de junho de 2020.
- BRAZ, Ralph. Praça São Salvador: do verde ao concreto. **Blog Pense Diferente.** Campos dos Goytacazes, 14 de outubro de 2013. Disponível em: < <http://ralphbraz.blogspot.com/2013/10/praca-de-sao-salvador-do-verde-ao.html>>, acessado em 22 de junho de 2020.
- CALDEIRA, Junia Marques. “A praça colonial brasileira”. **Universitas: Arquitetura e Comunicação Social.** Brasília, Vol. 7, N.1, jan./jun. 2010, p.19-39.
- CUNHA, Juliana Blasi. **Atafona:** formas de sociabilidade em um balneário na região Norte-Fluminense. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia, do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, 2007.
- FARIA, Teresa Peixoto. “Campos dos goytacazes nos anos 1870-1880: a modernização brasileira e o ‘mundo cidadão’”. **Revista do PPGPS / UENF,** Campos dos Goytacazes, RJ, Vol.. 2, N. 2, mai./set. 2008, p. 40-64.
- FARIA, Teresa Peixoto. “As reformas urbanas de Campos e suas contradições. O plano de 1944: uma nova ordem social e urbana”. **CD ROM dos Anais do 6º Seminário de História da Cidade e do Urbanismo.** Natal, RN, 2010
- FARIA, Teresa Peixoto; QUINTO JR., Luiz de Pinedo. “Rio e História Urbana: o papel do rio Paraíba do Sul na criação e desenvolvimento do município de Campos dos Goytacazes [RJ]”. **Labor & Engenho,** Campinas, SP, Vol.11, N.2, abr./jun. 2017, p.103-115.

FRANCO, Dauro Santos. **Democracia e poder local**: algumas considerações sobre o caso de Campos dos Goytacazes. Dissertação de Mestrado apresentada ao Centro de Ciências do Homem - Universidade Estadual do Norte Fluminense. Campos dos Goytacazes, RJ, 2006.

FEYDIT, Júlio. **Subsídios para a história dos Campos dos Goytacazes**: desde os tempos coloniais até a Proclamação da República. Atualizado e ilustrado por Hylze Pixoto Diniz Junqueira. Rio de Janeiro: Editora Esquilo LTDA. 1979.

MATIAS, Glauber Rabelo. "A cultura como política? História oral, memória e a gênese do campo da 'política cultural' em Campos dos Goytacazes (1989-1992)". **Anais eletrônico do XI Encontro Regional Sudeste de História Oral**. UFF, Niterói, RJ, Jul. 2015.

MENDES, Chico; VERÍSSIMO, Francisco; BITTAR, William. **Arquitetura no Brasil**: de Cabral a D. João VI. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio. 2011

MOUDOUN, Anne Vernez. "Morfologia urbana como campo interdisciplinar emergente". **Revista de Morfologia Urbana**. Vol. 3, N.1, 2015, p.41-49.

OLIVEIRA, Melissa Ramos Da Silva. "O urbanismo colonial brasileiro e a influencia das cartas régias no processo de produção espacial". **Complexus: engenharia, arquitetura e design**. Salto, SP, v. 1, n. 1, mar. 2010, p. 175-188.

PAES, Sylvia Marcia. "Os impasses da revitalização da área central da cidade de Campos dos Goytacazes (1991-2005)". **Revista de trabalhos acadêmicos – Universo**. Campos dos Goytacazes, RJ. Vol.2, N.6, 2016.

PARK, Robert E. A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: [Velho, Otávio Guilherme (org.)], **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, 1967.

PERDICOÚLIS, Anastassios. "Extensões da forma". **Revista de Morfologia Urbana**. Rede Portuguesa de Morfologia Urbana, Vol.2, N.1, 2014, p. 40-41.

PEREIRA PINTO, Jorge Renato. **Um Pedaco de Terra Chamado Campos**. Campos: Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 2006

ROBBA, F. e MACEDO, S. S. **Praças brasileiras**. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo. 2010

SANZ, Jasmine Andrade. **Ambiências, usos e sentidos de um espaço público**: a Praça São Salvador em Campos dos Goytacazes. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas - Universidade Federal Fluminense (UFF). Campos dos Goytacazes, 2019.

SOARES, Orávio de Campos. "Patrimônio Material Chafariz Belga (Praça do Santíssimo)". **Livro de tomo dos bens cultural, material e imaterial**. Campos dos Goytacazes, 2012. Disponível em: < <http://culturacamposrjtombo003.blogspot.com/2012/01/chafariz-belga.html>>, acessado em 22 de junho de 2020.

SOUSA, Horácio. **Memórias fluminenses**: cyclo áureo da história do 1° centenário de Campos. Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2014.

THIBAUD, Jean Paul. "A cidade através dos sentidos". **Cadernos do PROARQ**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Arquitetura. n.18. Jul 2012, p.2-16.

TRINDADE, Ocinei. "Salvações e pecados de uma praça: a São Salvador segue no centro de transformações, tensões e experimentações de Campos". **Jornal Terceira Via**. Campos dos Goytacazes, 5 de maio de 2019. Disponível em: < <https://www.jornalterceiravia.com.br/2019/05/05/salvacoes-e-pecados-de-uma-praca/>>, acessado em 23 de junho de 2020.

B

Bairros precários 50, 51, 52, 55, 62

C

Camadas temporais 15, 18, 32

Campos dos Goytacazes 15, 16, 19, 24, 26, 32, 33, 34

Cartografia 50

Cazenga 50, 52, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65

Cidade 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 59, 62, 63, 65, 66, 67

Coletividade 1

Comunidade 50, 55, 56, 62

Corpografia 2

D

Democracia 7, 8, 33

Desenho urbano 3

Desigualdade 2, 4, 7, 9

E

Escala 1, 35, 36, 37, 38, 42, 44, 45, 53, 55, 56, 58

Esfera pública 1, 11

Espaço público 2, 5, 6, 8, 9, 12, 24, 33, 35, 37, 39, 42, 46, 47, 48

Estruturas comunitárias 50, 55, 56

Estrutura urbana 20, 27, 50, 52

F

Feminismo 1, 4, 6, 7, 8, 13, 14

H

Habitat 17, 51, 52, 55

I

Imaginabilidade 35, 36, 37, 38, 39, 48

Itaim Paulista 50, 52, 53, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65

L

Limite 42, 46, 47, 48

Luanda 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 62, 65

Lugar 5, 6, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 31, 36, 37, 40, 41, 48, 62

Lynch 37, 49, 56, 57, 66

M

Morfologia urbana 15, 16, 17, 33

O

Observação comparada 50, 51

P

Paisagem 15, 20, 22, 27, 31, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 56

Paisagem urbana 35, 37

Participação 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 26

Planejamento 1, 3, 4, 9, 11, 12, 13, 14

Planejamento urbano participativo 1

Política 3, 5, 6, 8, 11, 12, 14, 22, 33, 54, 62

Praça da Liberdade 35, 37, 38, 39, 42, 43, 45, 47, 48, 49

Praça São Salvador 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33

Q

Qualidade de vida 4, 30, 35

Qualidade do espaço urbano 35, 36, 37, 46, 48

R

Recinto 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 46

Rua Galvão Bueno 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 47, 49

S

São Paulo 1, 4, 13, 14, 33, 35, 36, 37, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 58, 59, 62, 65, 66





Segregação 3, 4, 9, 50, 61

U

Urbanismo 1, 2, 3, 12, 15, 25, 32, 33, 50, 56, 67





V

Vitalidade urbana 35

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

ARQUITETURA E URBANISMO: CONSTRUÇÃO E MODELAGEM DO AMBIENTE


Ano 2023

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

ARQUITETURA E URBANISMO: CONSTRUÇÃO E MODELAGEM DO AMBIENTE


Ano 2023